

## Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.  
Com estampilha..... 600 rs.  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração  
Rua d'Arruela n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa  
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

## Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.  
Annuncios e communicados, a 5 reis a linha.  
Repetições..... 20 rs. linha  
Annuncios premanentes 5 »  
Folha avulso..... reis

## O POVO D'OVAR

## A crise

A barcaça ministerial acaba de dobrar, com incrível felicidade, o perigoso cabo do emprestimo. No horizonte politico desenharam-se, por vezes, nuvens negras, percursores de furiosa tempestade, capazes de pôr em grave risco a tripulação; mas afinal tudo passou, tudo se desfez em leves choviseos d'uma rhetorica ben conhecida. Para isso foram ainda precisas umas transigencias e umas transacções, que provaram que mesmo quando a patria está em perigo apparecem os vampiros politicos a sugar uma parte do escasso dinheiro dos cofres publicos.

A primeira dificuldade passou, mas a crise não está vencida. Se ella é tão complexa como a hydra de Lerna, resurgindo uma cabeça, quando outra se esmagava! Addiu-se a crise financeira e mais nada. Mas este adiamento importou um gravame de que já nos não poderemos ver livres n'um grande espaço detempo, e fez sobrecarregar sobre nós a desconfiança dos credores, dos prestamistas, que, até agora, teem tido sempre a bolsa aberta para acudir ás difficuldades financeiras da nação.

Vieram os partidos monarchicos confessar á tribuna e á imprensa os seus muitos erros d'administração. E prouvera a Deus que fossem só erros os maus actos praticados por esses partidos! A confissão foi arrancada pela necessidade de obter dinheiro, quasi um anno depois de as camaras terem votado uns addicionaes, que, no dizer do actual ministro da fazenda, produzem uma receita importantissima. Julgaram-se os partidos impotentes para debellar a crise financeira e a londrina, precisavam de, deante da nação, entoar o *poenitet* para explicar o apoio a tão importante encargo, como era a alienação d'um dos nossos melhores rendimentos.

Bom seria que esta confissão fosse o inicio de vida nova, d'uma regeneração completa. N'esse caso devia o paiz agradecer as angustias por que passou nos momentos de crise. Ella em vez d'um mal, teria apenas sido um bem e não pouco importante; tanto mais que a crise não foi resultado d'um facto inesperado, mas d'uma sequencia d'erros accumulados de longa data.

Seria uma felicidade, mas nós não acreditamos n'ella. O espirito de rotina: a desmoralisação, que atacou fundo a politica portugueza, corrompendo as consciencias e deprestigiando os caracteres, prohibem a emenda. Não, nós não acreditamos em que os politicos se regenerem.

De toda a parte se levanta um brado chamando a attenção para a situação economica do paiz.

E' o effeito da crise geral. Estamos em maré de penitencia.

Parce que na alma da nação, abalada por tantas contrariedades, desperta afinal a energia. Sentem-se os erros accumulados, os fructos do desleixo na administração publica.

Será simples proruido de popularidade nos argonautas d'essa cruzada economica? Talvez, tal vez mesmo elles estejam convencidos de que os suas exclamações um pouco tardias, se vão perder no grande vacuo da indifferença dos governantes.

Diz-se que o paiz está pobre e vae caminhando a passos largos para a miseria: que a emigração espantosa nos leva os braços robustos, os homens validos, deixando algumas villas e logares quasi despovoados. Clama-se pelo governo, que acuda, que arranje medidas providenciaes.

E comtudo ha quantos annos presenciamos nós esse espectáculo tristissimo? Esses que agora se dirigem ao governo, já foram governantes: quando foram poder preocuparam-se apenas com a politica partidaria: decretaram largas reformas para ampliarem os quadros dos empregos onde anicharam os seus amigos politicos. Já então pelo paiz se ouvia o grito da miseria e todos os mezes sahiam pela barra de Lisboa grupos e grupos de emigrantes, que deviam ser vistos, pelos que estão nas secretarias, onde recebem pingues ordenados, sem fazer serviço que os compensem.

Hoje, no sobresalto geral, apparecem os defensores do povo, os seus advogados, e a sua voz retumba por esse paiz fóra concitando-lhes a admiração e o favor!

E o governo promete providencias, mas não diz de que ordem. Promette pôr peias á emigração; mas como é que isso póde ser, se a emigração é a resultante natural das más circumstancias economicas do paiz?

A emigração resulta da crise economica que o paiz vae atravessando: esta por sua vez resulta, além de outras causas naturaes, do enorme gravame dos impostos. Como o thesouro publico não póde prescindir de uma só parte, embora pequena, das contribuições, difficilmente se atalhará á crise economica.

Estamos pedindo dinheiro em condições onerosissimas; e apesar d'isso vamos-nos obrigados a sustentar uma lucta em Africa, a manter alli um effectivo militar relativamente importante, que nos absorve grandes sommas de dinheiro.

E tudo isto deriva do conflicto que trazemos com a Inglaterra.

Os *patriotas* de setembro vem agora levantar as mãos para céo e agradecer os beneficios, que sobre a patria cahiram depois das famosas arruaças, que deram em terra com o tractado de 20 d'agosto. Elles recusavam dar o seu assentimento a um tractado que se parecesse sequer com aquelle: elles preferiam tudo menos transigir em semelhantes condições. Pois bem: agora faz o governo gigantescos esforços para não perdermos mais alguns territorios: agora todos os pedidos tendem a conquistarmos a posição anterior.

Após o desastre ninguem ouve os gritos patrioticos. Sumiram-se, desappareceram. Ninguem quer a responsabilidade de ter derruido uma convenção e de ter vilipendiado um ministro.

Estamos no tempo da penitencia. Os politicos, ministros ou não, sobem ao tablado para fazer a confissão geral dos seus erros.

E prouvera a Deus que a crise geral, que vamos atravessando, fosse resultado apenas dos erros dos politicos.

## Os selvagens

Ainda não está bem liquidado um grave crime perpetrado pela malta protegida pelo administrador do concelho e já outro é commettido, mas agora em plena praça publica, de dia e contra agentes d'auctoridade no exercicio das suas funções.

Passemos aos factos. Sabbado, 14, o policia fiscal de 2.ª classe Thomé Augusto da Veiga soube que, no estabelecimento de merceria de Manoel Augusto d'Oliveira Salvador, *amnuense da administração do concelho*, se vendiam cartas de jogar sem sello. Para verificar esta infracção do regulamento do sello mandou um creança aquelle estabelecimento comprar um baralho de cartas e verificou o dito policia que as cartas vendidas não estavam selladas.

Então o policia Veiga dirigiu-se acompanhado pelo seu subordinado, o policia de 3.ª classe Antonio José, ao estabelecimento de Manoel Salvador e chegados alli pediram um maço de cartas. O dono do estabelecimento deulhas, mas d'esta vez com o sello legal.

O policia Veiga disse-lhe que elle tinha vendido ao pequeno outras cartas, que lhe mostrou, e, interrogando a creança ella confirmou isto. Manoel Salvador negou.

Porém como alli estivessem muitos individuos, intimos e com-

panheiros do dono do estabelecimento, o policia Veiga mandou o seu subordinado á estação do caminho de ferro chamar o outro policia Francisco Julião, afim de auxiliar na busca ao estabelecimento.

Apenas ficou desacompanhado o policia Veiga, Manoel Salvador deitou-lhe a mão ao masso das cartas não selladas tirando-lhas por encontrar o policia desprevenido, e ao mesmo tempo agarrando na tranca da porta intimou-o a sahir porque queria fechar estabelecimento.

O Veiga declarou que não sahiria, entretanto perante a ausencia de Manuel Salvador e pela attitude aggressiva da *troupe* que alli se achava, quiz deitar a mão ao terçado para se defender.

Logo se lançaram a elle diversos individuos que o trouxeram para a rua, agredindo-o cá fóra com paus e rasgando-lhe a pala do cinturão.

Ainda assim o policia agredido procurou defender-se, mas sem resultado, vista a força maior.

Em seguida dirigiu-se para a repartição da fazenda a queixar-se, sendo perseguido até alli por um dos taes.

Queixou-se de ser agredido por Manuel Augusto d'Oliveira Salvador, Jeronymo Alves Ferreira e seu filho Manoel Alves Ferreira, cortador, Antonio, cocheiro e outros, seguindo-o depois até á repartição da fazenda Antonio d'Oliveira Craveiro, carcereiro.

Que fez perante esta aggressão o administrador do concelho Joaquim Soares Pinto?

E' facil de presumir desde que embrulhada no crime se acha a sua malta.

Ao ferido que lhe quiz fazer as suas queixas não deu attenção alguma, fechou-lhe a porta, enquanto que metteu dentro da administração os da aggressão e alli esteve preparando, á sua moda um processo de investigação, obrigando a creança, que foi comprar as cartas e era testemunha de vista, a depor ahi.

Dois dias depois apparece no tribunal judicial uma participação contra o policia Veiga que, no dizer do administrador do concelho, quiz atacar a sabre os seus aggressores!

Isto é espantoso, mas ninguem se deve admirar por ter partido do administrador do concelho Joaquim Soares Pinto.

O processo é sempre o mesmo, —ataca-se, aggride-se e protra-se a tiro ou á pancada qualquer cidadão ou empregado publico que apenas cumpre com o seu dever e está no exercicio das suas funções—o administrador vem depois imputar á victima um crime só para salvar os seus amigos.

Porém, como todos o conhecem e lhe sabem dos processos, pode ficar descansado que não

colherão resultado; e não colhem, porque agora, como d'outras vezes, não encontrará testemunhas para jurarem a aggressão do policia Veiga—ellas, se jurassem de vista, compromettiam se por fazer parte do grupo dos aggressores.

Diz o nosso povo que o diabo tem nma capa com que cobre e outra com que descobre.

Ao sr. Ministro do reino e ao sr. Governador Civil do districto perguntamos: isto pode continuar assim?

Não, por certo. Não podemos ter á frente do nosso concelho uma auctoridade, que, longe de prestar auxilio aos agredidos, ás victimas dos criminosos, protege estes sacrificando aquelles.

Não podemos ter á frente da administração do concelho uma auctoridade que consente que se pratiquem impunemente de dia e em uma praça publica crimes, acolhendo na administração os criminosos e negando-se a ouvir o queixoso, quando demais a mais este é um empregado, que espancaram estando no exercicio das suas funções.

## Novidades

**S. José.**—Ainda este anno não teve o Santo fóros de um dia santo. Ao breve do Papa faltou o *placet* do nosso governo; por isso os tribunaes funcionaram e algum povinho trabalhou. Para o anno não será assim:—o dia de S. José será mais um dia de mandria, que muito boa gente aprecia.

Na capella da Senhora da Graça, houve pela manhã missa cantada e á tarde novena.

O nosso amigo Francisco Rezende, o *conselheiro* de varias irmandades, o que o não dispensa de ser um bom e accurado professor de ensino livre, levou á capellita todos os seus alumnos vestidos com os factos dominigueiros, honrando assim o glorioso patrono da sua eschola.

O *conselheiro* teve a sua eschola adornada, houve discursos, distribuição de premios aos alumnos, emfim uma boa festa infantil a que assistiram as familias dos rapazes.

A eschola de S. José prospera e não admira, attendendo ás habilitações e bons sentimentos do seu professor.

**Sardinha.**—Tem chegado ao nosso mercado alguma sardinha da caravella.

**O chafariz e a bica.**—Ainda não consta que esse par de França deite uma unica pinga d'agua.

O Neptuno morre, com certeza, á sede.

**Serão e espancamento.**—Estão em voga, como sempre estiveram nas nossas aldeias, os serões. No verão apparecem as *esfolhadas*, as *debulhadas* e *espadeladas*,—agora, no inverno, as *esfarrapadas* e as *fiadas*, servem de pretexto para os rapazes e raparigas deitarem as suas *tiradas* de declarações em linguagem arrevesada e prosa rimada.

Não é raro, á sahida do serão, haver a sua pancadita, mesmo desordem rija; mas no fim segue-se geralmente o ditado—quem mais deu sua ventura lhe valeu. Os rapazes, que teem as *conversadas* perto não querem dar parte de fracos, e por isso o tribunal judicial raras vezes mette o bico em semelhantes contendas.

D'esta vez o caso mudou um pouco de figura.

Nós vamos contar os factos, taes como chegaram ao nosso conhecimento, não garantindo a verdade absoluta d'elles.

O serão foi em Cima de Villa, d'esta freguezia. Alli encontraram-se os rapazes do lugar e d'Acções e no numero d'elles o Rezende e o Pardal. Estes ultimos deitavam o seu pensamento á mesma rapariga, uma bella mocetona capaz de fazer perder a cabeça, mesmo a quem não fosse lavrador.

D'ahi proveio a rixa, que se azedou com a preferencia que a namorada deu ao Pardal.

O Rezende zangou-se e dirigiu alguns ditos ao Pardal; e o caso ficou addiado para fóra.

Sahiu do serão o Rezende e acompanharam-o outros, dizem que quatro. O Pardal sahio depois, e quando ia passando pelo caminho surgiu-lhe de frente o grupo do Rezende.

Era uma espera á moda da aldeia, em que desanda a pancadaria depois d'uns certos preleminares.

O Pardal, que ia acompanhado por dois rapazes, quiz passar e como os outros lhe levantassem os paus e o Rezende dissesse que lhe dava dois tiros, o Pardal desandou-lhe uma bordoadada na cabeça, que o prostou logo pondo-se os mais em fuga.

Eis o que nos contaram.

Dizem que o ferido e um dos que o acompanhavam, declaram exactamente o contrario. Affirmam elles que o Pardal dera a pancada de surpresa e á falsa-fé.

Porém os rapazes do serão, que por vezes teem sido companheiros do Pardal são unanimes em affirmar que o Pardal era incapaz de dar uma pancada d'aquella fórma, que é um rapaz valente e leal nos conflictos e tem força por dois do ferido.

Onde está a verdade? O processo que se instaurou ha-de dizel-a, esperemos.

Na sexta-feira, dia immediato á desordem, foi o digno juiz, acompanhado pelos peritos drs. Amaral e Lopes, examinar o queixoso, e viram que a contusão era importante e tinha aspecto grave. Segundo nos consta reservaram-se para em segundo exame dar a sua opinião.

*A defeza.*—Teem procurado os oráculos da auctoridade administrativa formar opinião contra o acto praticado pelo policia de 1.ª classe Veiga antes de o terem agredido na loja de mercearia do sr. Manoel d'Oliveira Salvador. Dizem que o policia fiscal não tem direito de apprehender os massos de cartas não sellados,

isto depois de saberem que o mesmo policia não ia áquella loja para dar varejo por generos sujeitos ao imposto do real d'agua.

Por Deus, senhores! Nós nem por emquanto nos damos ao trabalho de discutir semelhante assumpto.

Como o caso está affecto ao tribunal nada diremos, emquanto os oráculos de tal auctoridade não vierem para o publico com as suas opiniões. Então fallaremos devagar.

**Semana Santa.**—Começa hoje a enfiada de festas na igreja matriz d'esta freguezia.

Hoje a festa de Ramos. Segunda-feira—Senhor aos enfermos para a villa.

Terça-feira—Senhor aos presos, doentes do Hospital e entrevados d'Arruella.

Quarta—officio de trevas.

Quinta—Lava-pedes, enterro e procissão de penitencia.

Sexta—officios e procissão da Paixão.

Sabbado—ceremonia d'Alleluia.

Domingo—a Paschoa.

O que por ahi irá de amendoas! d'olhadellas! e de ditos! Um largo tempo todo de . . . . pensamentos na paixão de Christo e mais transe por que elle passou.

E' o tempo da tristeza, do lucto christão; mas lucto e tristeza por que muita gente suspira ha mezes.

Emfim, ahi lhes bate á porta a Semana-Santa. Não se esqueçam de mandar benzer o ramo da palmeira.

**Publicações.**—Recebemos o 1.º fasciculo do *Novo Dicionario Universal Portuguez*, compilado por Francisco d'Almeida.

E' facil de avaliar por este primeiro fasciculo que o novo dicionario é muitissimo desenvolvido e satisfaz plenamente ainda aos mais exigentes.

E' uma edição perfeita e manual.

Agradecemos a offerta.

## VIRTUDES THEOLOGAES

### I

#### FÉ

Quem vê essas estrellas rutilantes  
Que os raios seus enviam, tão brilhantes,  
Do ceu á pobre terra, escura e fria:  
Do ceu á pobre terra, escura e fria:  
Quem vê o sol ardente, dia a dia  
Trazer-nos o calor, a vida, a luz:  
Quem sabe, desde o Golgotha, que a Cruz  
Tem sido para nós a redempção:  
Quem ouve em volta d'ella a oração  
Ha quasi dois mil annos incessante  
Poderá deixar de crer um só instante  
*Aquelle* que seu sangue derramou  
Por sobre a Humanidade que salvou?

Oh não! não pode haver um só na terra  
D'aquelles cujo peito ainda encerra  
A crenga que bebeu na innocencia,  
Que negue, maldição! a existencia  
Do Deus tres vezes santo, do Jesus  
Por nós martyrisado n'uma Cruz!

Mas ai! que horror, oh Deus! que horror eu sinto  
Ouvindo filhos teus, no labyrintho  
Do Crime, da Deshonra, da Impiedade,  
Bradar perante a tua divindade:  
«Mentira! Ilusão! tudo illusão!  
«Que caia sobre nós a maldição  
«D'esse homem, d'esse Christo visionario  
«Que o mundo cego adora no Calvario!»

E tu, oh Nazareno, tu benigno  
Não soltas contra o filho tão indigno  
Um raio d'essa cholera d'um Deus  
Que esmagou esses reptis, esses pygmeus  
Que tentam, miseraveis, combater  
Do Eterno incomprehensivel o poder!  
Ah! sim! tu punes bem a iniquidade  
Mostrando ao imbecil a Eternidade!

Eu creio-te, meu Deus, tão firmemente  
Que tenho uma fé viva, fé ardente  
De um dia lá no céu fruir ditoso  
O gozo sempiterno, o immenso gozo  
Que das aos escolhidos para o Céu.  
E eu, oh! grande Deus, ha-de ser teu!  
Disseste-o tu a quem não te quiz crêr  
Antes de a mão na chaga te metter:

«Feliz d'aquelle que me crê  
«Porque esse que me adora e não me vê  
«Um dia a recompensa lhe darei  
«E ao lado de meu Pae o sentarei!

### II

#### ESPERANÇA

Esperança, bemdito nome,  
Cheio de um mago condão,  
Tu insupplas nova vida  
No já morto coração.  
Dás ventura ao desgraçado  
Para o crime tens perdão.  
Se o lubridiado amante  
Chora muito a sua dôr  
Mas não tem inda esquecido  
O teu nome encantador.  
Tu, Esperança, fervorosa,  
Dás-lhe vida, dá-lhe amor!

Se o pobre que não tem pão,  
O desgraçado de Deus  
Blasphema da Providencia,  
Maldiz os destinos seus,  
Tu, Esperança, ameigadora  
N'um raio de luz dos teus,  
Mostras-lhe o céu, as estrellas,  
E fazes d'esse prejuro  
Um homem crente no céu  
Nos premios d'elle seguro.  
E és tu, Esperança, que mostras  
Ao desgraçado um futuro!

Se mesmo na hora extrema,  
N'essa hora de maldição,  
O criminoso já sente  
Regelado o coração,  
E's tu, Esperança, que levas  
Ao cadafalso o perdão!

Sempre tu a protectora  
Desde o berço ao athaude,  
Até quando ao moribando  
Restitues a saude,  
Salvé, Salvé! Eu te bemdigo  
Divinal, santa virtude!

Infeliz do que da Esperança  
Seus destinos não fiou!  
Infeliz! se o desespero  
A sua alma lhe minou!  
Mais feliz é o pobre morte  
Que, no seu Deus, Esperou!

### III

#### CARIDADE

Virtude excelsa, filha do Senhor  
Que de poesia em ti se não encerra!  
Tu és, tu és a perola da terra  
Engastada nas mãos do Creador!

Sublime por essencia, encantadora,  
Oh filha primogenita de Deus,  
Desceste para a terra lá dos céus,  
E surges cada dia n'uma aurora!

E's o anjo protector da Humanidade  
A estrella, que illumina todo o mundo,  
Thesouro de riquezas mil, fecundo,  
E's santa, és immortal, oh Caridade!

Enchugas do infeliz o amargo pranto  
O pranto que o tortura, que o consome,  
E o pobre que soluça, que tem fome  
Abrigas sob o teu divino manto!

Das tuas azas branda viração  
Aquece o desgraçado que tem frio  
E dos teus labios puros o cicio  
Ao triste deixa a paz no coração.

Qual facho luminoso que nas trevas  
Ao naufrago procura dar a vida  
Levantas-te por muito desabrida  
E o orphão conchegado ao peito levas.

Perdoas ao maldito criminoso  
Manchado de infamante e atroz labéu:  
Perdoas e depois mostra-lhe o céu  
Onde elle como o justo é tão ditoso.

Sublime caridade! eu te saúdo  
Virtude entre as virtudes a mais santa  
E deixa o humilde vate, que te canta,  
O crente que o seu Deus adora em tudo.

Curvar-se á tua sombra ameigadora  
Beber d'esses teus labios a frescura  
E vêr-te como os anjos bella e pura  
Sorrir em cada dia n'uma—

Auroral

Ovar, março 1891.

Sério.

Litteratura

Hyalina

(DE KARL GRUN)

Houve em tempo na communa de Polleur um rapaz chamado João Noirfalise. Com grande desespero de seus paes, repugnavam-lhe os trabalhos campestres. Por mais pancada que levasse não se emendava. Sempre que podia, safava-se de casa, ia sentar-se á beira da Hoégue, e ali passava dias inteiros pescando á linha.

João Noirfalise apenas se via instalado, de canna de pesca na mão, entre duas moitas, transfigurava-se. Parecia sonhar: com os olhos fixos na agua que se agitava em brandas ondulações, illuminava-se-lhe o rosto, como o do poeta que suppõe vêr coisas maravilhosas.

Por fim os paes do rapaz acabaram por habituar-se ás excêntricas do filho. E como João lhes dava muitas vezes uma boa carga de peixe, deixaram-o fazer a vontade.

Certa manhã em que estava sentado junto ás pequenas cascatas de Hoége, João soltou de repente um grito de suprema. Acabava de entrever, brincando sob uma rocha immersa n'agua, uma truta enorme, tão grande como elle nunca d'antes vira. Então começou uma interessante lucta entre o pescador e o animal.

Aquella empregava toda a sua sciencia, mas o peixe parecia zombar d'elle. Lançava-se como uma flecha sobre a isca, mas sem lhe tocar, ou saltava fóra d'agua mostrando ao sol o seu bello ventre amarellado, incitando assim o pescador a redobrar de perseverança. Mas era já noite e ainda a truta se entregava ás suas cabriolas deante do adversario desesperado.

Este em vez de voltar para casa, foi direito ao valle de Veddre, perto de Belheaux, onde, n'uma caverna, morava um Sottai, ou genio de montanha, que era seu amigo. A noite estava escura, mas João, que não era medroso, gritou pelo habitante da caverna, dizendo que precisava d'elle.

Immediatamente, um homenzinho pouco mais alto do que uma bota, appareceu por entre as silvas; tinha umas barbas que chegavam aos joelhos, mas sua physionomia era sorridente e sympathica.

—Que queres tu?—perguntou Sottai.

—Estou furioso,—respondeu o mancebo.—Estive desde pela manhã a vêr se apanhava na Hoégue uma truta phenomenal, e ella zombou de mim.

O homem da caverna pô-se a rir.

—Conheço-a—disse elle—está encantada. Se te compromettes a trazer-me aqui um pão alvo no primeiro dia de cada semestre, e isto durante tres annos ensinarte-hei o meio de a agarrares.

—Prometto!—exclamou João Noirfalise.

—Muito bem. Então na noite da lua cheia de maio, vae pescar ao mesmo sitio e alcanças o que desejas.

E dizendo isto, e Sottai desapareceu.

Chegada a epoca impacien-

tamente esperada, João foi, por uma noite magnifica, deitar a sua linha á ribeira. A truta deu logo um salto, e momentos depois a linha trazia, presa pelos cabellos, uma joven de deslumbrante belleza que, enquanto João ficava como que petrificado de espanto e de admiração lhe lançava os braços ao pescoço e lhe dizia:

—João, amo-te. Desencantaste-me. Vou ser tua mulher, mas quero que me promettas, que não tornarás a pescar.

No excesso da alegria, o rapaz partiu a canna em mil pedaços, que arremessou á ribeira.

Os dois noivos foram-se pelo bosque fóra de braço dado. Hyalina, tal era o nome da joven, tinha, olhos profundos e azues como os lagos suissos, longos cabellos doirados e um sorriso tão seductor que seria capaz de fazer trepar qualquer celibatario endu-rido ao came da mais inacessivel geleira.

E iam caminhando juntos. Os junquillos embalsamavam o ar, o rouxinol cantava, a luz envolvia todas as coisas n'uma pulverisação de prata e diamantes. Quando chegaram a Polleur, a cabana de João não existia. No meio do grandioso parque, levantava-se um castello senhorial, scintillante de luzes d'onde partiam entusiasticas acclamações festivas. Estavam á espera dos dois jovens, e o casamento fez-se logo ali com extraordinaria pompa.

Quem poderia descrever as delicias da sua lua de mel? Nem o tentaremos, para não affligirmos os que já passaram por essa quadra feliz...

Uma noite, andava o amoroso par a passear quando de subito lhes appareceu o Sottai. E via-se-lhe no rosto que não ia contente.

—E o meu pão?  
—Vae ter com o meu cosinho, —respondeu-lhe João, que passou adiante sem mesmo se dignar olhar para o genio.

Ah! A lua de mel acabou com todas as luas. João começou a aborrecer se junto da mulher. Percorria silencio as avenidas do parque. Isto penalisava Hyalina que lhes disse um dia:

—Que tens tu, meu pobre amigo? Pois eu não te amo tanto?

—E' mais forte do que eu, este desejo,—redarguiu João.—Preciso absolutamente ir á pesca.

—João! João! ponderou com tristeza a formosa mulher;—eu pedira-te que nunca mais pensasses em tal, porque desejava puppar os meus antigos camaradas, os peixes. Mas, visto que assim o queres, iremos juntos.

No dia seguinte, João, muito contente, dirigiu-se para a Hoégue, acompanhado de sua encantadora esposa. Acabava de deitar a linha quando Hyalina, sem dizer palavra, saltou para a agua. O marido, cheio de espanto, só viu uma coisa: que a joven se transformára de novo em truta, morgulhára e desaparecera.

Desolado a mais não poder, o pobre homem voltou á caverna do Sottai e chamou-o dizendo que precisava d'elle.

Mas ouviu apenas uma voz lastimosa que suspirava.

—E' muito mau cada um não cumprir as suas promessas!

Quando João Noirfalise regressou a Polleur, a antiga cabana reoccupára o lugar do castello. A magnifica truta não tor-

nou a apparecer; João não morreu, mas pouco lhe faltou; continua pescando sempre, porém, muito triste; e ha quem o tenha visto chorar, sóinho, sentado á borda da ribeira.



ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATACÃO

(2.ª publicação)

No dia 29 do corrente, por meio dia, e á porta do Tribunal da comarca, sito na Praça d'esta villa, em virtude da carta precatoria vinda da comarca d'Oliveira d'Azemeis, extrahida da execução de sentença commercial que Maria Emilia d'Almeida Quintino e Emilia Rosa d'Almeida Quintino, solteiras, do logar do Curval, freguezia do Pinheiro da Bemposta, da dita comarca d'Oliveira Azemeis, moveu contra Fernando Pina Rezende e Abreu e mulher D. Maria do Rosario Abreu, d'Avanca comarca d'Estarreja, se ha-de proceder á arrematação da seguinte:

PROPRIEDADE

Uma leira de juncal, sita no logar de Cabedello, limites da freguezia de Vallega, d'esta comarca d'Ovar, avaliada na quantia de 360\$000 reis, para ser entregue a quem mais der sobre este valor. Pelo presente são citados os credores dos executados para assistirem á arrematação.

Ovar, 10 de março de 1891

Verifiquei  
O juiz de direito

Salgado e Carneiro

O escrivão

Eduardo Elysió Ferzaz de Abreu

(65)

EDITOS

(2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no "Diario do Governo", citando o interessado Manoel Rodrigues Lauro, auzente em parte incerta, para todos os termos até final do inventario orphanologico a que se está procedendo por fallecimento de seu sogro Francisco d'Oliveira Pardal morador que foi na rua do Pinheiro, d'esta villa, em qual é cabeça de casal a viuva Joanna da Silva, da mesma rua e villa. Ovar, 11 de março de 1891.

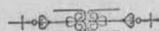
Verifiquei a exactidão

O juizo de direito

Salgado e Carneiro.

O escrivão

João Ferreira Coelho (63)



NOVO

DICCIONARIO UNIVERSAL

PORTUGUEZ

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico a mythologico etc.

COMPILADO

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

EDITORES E PROPRIETARIOS

TAVARES CARDOZO & IRMAO

Largo de Camões 5 e 6

LISBOA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

O NOVO DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ contem 2:424 paginas, divididas por dois volumes.

A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda esteotypada e muitas folhas já impressas.

Os senhores assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes acontece.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se anticipadamente o importe de qualquer numero de entregas.

O preço de cada entrega é de 120 réis.

Fechada a assignatura o preço será augmentado com mais 20 por cento.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares Cardozo & Irmão, Largo de Camões 5 e 6—Lisboa.

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR

GERVAZIO LOBATO

Romance de grandes sensações, illustrado com magnificas phototypias.

Condições de assignatura

No Porto e em Lisboa distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, pelo modico preço de 60 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Para as provincias, a remessa será feita quinzenalmente, com inexcodivel regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, pelo diminuto preço de 120 reis cada fasciculo franco de porte, pago adiantadamente.

Para fóra do Porto e Lisboa não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas de 25 réis, vales do correio ou ordens de facil cobrança.

Recebem-se assignaturas na livraria da Empreza Litteraria e Typographica, editora, rua de D. Pedro, 184 Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Agente em Ovar—Silva Cerveira.

AGENCIA FUNERARIA

Rua da Graça — OVAR

SILVERIO LOPES BASTOS, acaba de estabelecer uma agencia funeraria pelo systema do Porto, tendo todos os aprestes para funeraes os mais modernos e mais economicos que até hoje se tem inventado; n'esta casa encontrarão os snrs. doridos caixões já armados desde o mais barato até ao mais rico que se póde fazer; habitos desde a mais fina seda até ao mais baixo algodão; corças de flores artificias, de perolas e de zinco, desde o melhor ao mais barato, fitas de seda desde a mais larga á mais estreita, guarnições douradas, artigos de cartonagem e palheta, sedas lisas e lavradas e emfim um lindo e variado sortido de objectos proprios para funeraes.

Poderão pois os snrs. doridos apresentar as suas ordens n'esta casa e duas horas depois terão o caixão, habito e tudo o que necessitarem sem o mais leve incommodo, tendo para isso pessoal competentemente habilitado.

PREÇOS RESUMIDOS

O ESPETRO

Pamphleto hebdomedario

Publicação semanal

DEPOSITO GERAL

Livraria Civilisação, rua de Santo Ildefonso, 12,

Em Lisboa, travessa de Santa Justa, 65, 2.º

ASSIGNATURA

Anno .....	2\$400
Semestre .....	1\$200
Trimestre .....	600
Mez .....	200

Avulso 50 reis

A' venda em todas as livrarias e kiosques.

SEMANA SANTA

Grande novidade de cartonagens para amendoas.

Livros de missa em todos os gostos e preços

Amendoa de Lisboa e Franca

Caixas com lenços de linho e algodão proprias para presentes

Albuns para retratos etc. etc.

Tudo novidade!

Silva Cerveira

OVAR

## A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

A avó, o romance mais bello de Émile Richebourg, deveria ter para os seus capitulos apenas os seguintes titulos:

Orgulho, maldição, arrependimento e remorso, expiação, avó, mãe e filha.

N'esta obra, commovedora pelas peripecias extraordinarias que a revestem, quasi toda a acção gira, com a duração tremenda de seculos, em turno dos tormentos d'uma fidalga em quem a soberba e o orgulho da sua origem suffocaram os sentimentos de mãe, para a deixarem mais tarde na solidão desconsolada e fria d'uma existencia despida dos carinhos que não são a meia vida dos velhos.

Mãe sem filha... avó sem neta... tal é a esmagadora synthese dos indescritiveis pezares d'essa orgulhosa, só muito tarde santificada pelo arrependimento e pelas lagrimas—lagrimas terribes que farão vibrar de enternecimento todos os leitores de coração.

Não queremos antecipar-nos ao que a leitura d'esse estudo d'um coração de mulher reserva aos nossos assignantes, mas desde já podemos asseverar que no seu espirito ficarão gravadas recordações indeleveis suavizadas pelo desfecho sublime da avó.

Os editores Belem & C.<sup>a</sup> de Lisboa, previnem os seus estimaveis assignantes, de que este bello romance, o mais interessante que sahio da penna de Richebourg, está sendo vertido para a nossa lingua, não do primitivo romance, mas sim da edição que agora viu a luz, augmentada com grande numero de capitulos novos, que lhe desenvolveram a acção, dando-lhe interesse sempre crescente, com uma nova parte extensa e admiravelmente bem engendrada, e com muitas gravuras e chromos, que juntos ao texto, o elucidam e lhe dão um relevo e colorido attrahentes.

Fique, pois, assente, e os nossos leitores terão occasião de o verificar, que a nova obra em nada se parece com a traducção já feita por um jornal de Lisboa, traducção executada sobre o joelho e resumida, o que representou uma corte lamentavel nas passagens mais importantes d'esse extraordinario romance.

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, à vol d'oiseau. Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjunto as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em extensão 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

Nossa Senhora de Paris  
por VICTOR HUGO

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehenentes, d'uma linguagem primorosa, a sua leitura elevase no espirito ás regiões sublime do bello e innunda de entusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o dxc.<sup>mo</sup> snr. Gualdino de Campos, e a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado exaressamente fabricar em uma das erimeiras casas de Milão.

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volume ou 18 fasciculos em 4.<sup>o</sup>, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanaes de 32 paginas, ao preço de 400 réis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se aceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que assignarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sus conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LIVRARIA CIVILISACÃO

Eduardo da Costa Santos, editor

4, Rua de Santo Ildefonso, 4  
PORTO

## LIVRARIA CHARDRON

A reproducção desleal, feito no livro BOHEMIA DO ESPIRITO editada pelo snr. Costa Santos, das obras abaixo mencionadas, prejudicando a sua venda, obriga esta casa editora e proprietaria a fazer uma grande reduccão nos preços das mesmas.

GRAND RABAIS  
CAMILLO CASTELLO BRANCO  
CARTA DE GUIA DE  
CASADOS, por D.  
Francisco M. de Mello (Prefacio) Avulso 360—180 réis  
A ESPADA D'ALEXANDRE... 240—120 »  
LUIZ DE CAMÕES,  
nota biographica av. 400—200  
SENHORA RATTAZZI  
1.<sup>a</sup> edição..... av. 160—60 »  
SENHORA RATTAZZI  
2.<sup>a</sup> edição..... av. 200—100 »  
QUESTÃO DA SEBENTA (aliás  
Bollas e Bullas:  
Notas á Sebenta do dr.

TODA A COLLECCO 600 REIS

Todas estas obras forao vendidos sem diversas epochas pelo auctor falcido Ernesto Chardron.

LUGAN GENELIOUX, successores, Clerigos, 060—PORTO.  
A C. Callisto... av. 60—30 »  
Notas ao folheto do dr.  
A C. Callisto... av. 60—30 »  
A Cavallaria da Sabenta..... av. 100—50 »  
Segunda carga da cavallaria..... av. 150—75 »  
Carga terceira, trepluca ao padre..... av. 150—75 »

## O ESPETRO

Pamphleto hebdomedario

Publicação semanal

Depositos em Portugal

Livraria Civilisação,  
rua de Santo Ildefonso, 12.Em Lisboa, travessa de  
Santa Justa, 65, 2.<sup>o</sup>

## ASSIGNATURA

Anno..... 2\$400  
Semestre..... 1\$200  
Trimestre..... 600  
Mez..... 200

## Avulso 50 réis

A' vendo em todas as livrarias e kiosques.

Gazeta dos tribunaes  
administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fór promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

## Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes)..... 1\$200  
Por duas series (um anno) 2\$400  
Não se aceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Pelos paquetes de primeira ordem dão-se passagens gratuitas a individuos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de idade, para diferentes terras dos Estados Unidos do

## BRAZIL

e principalmente para o Rio de Janeiro e S. Paulo.

Os passageiros que embarcarem n'estas condições não contrahem vida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

## EM OVAR

Serafim Antunes da Silva

Rua da Praça

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portugueza, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigorosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de França e Hespanha.

## MANUAL

DO

## PROCESSO ADMINISTRATIVO

Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribunaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modelos e formas que lhe são concernentes.

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SÁ

JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a Raul de Sá—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,  
Antonio da Silva Nataria  
Antonio Ferreira Marcellino.



Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, dão-se passagens gratuitas a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de marido, mulher, avó ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteado's, para diferentes terras dos Estados Unidos do

## BRAZIL

e principalmente para o Rio de Janeiro e S. Paulo

## EM AVEIRO

a Manuel J. Soares dos Reis

19—Rua dos Mercadores—23.